**GUERRA CIVIL ESPANHOLA E AS CRIANÇAS[[1]](#footnote-1)**

**Eduardo Bonzatto**

**Ouvindo falar de uma sociedade sem classes,**

**a criança sonha com um mundo bucólico.**

**Jacques Prévert**

***L’Enseignement Libre***

**Encontrei hoje em ruas, separadamente,**

**dois amigos meus que se haviam zangado.**

**Cada um me contou a narrativa de por que se haviam zangado.**

**Cada um me disse a verdade.**

**Cada um me contou as suas razões.**

**Ambos tinham razão.**

**Ambos tinham toda a razão.**

**Não era que um via uma coisa e outro outra, ou**

**um via um lado das coisas e outro um lado diferente.**

**Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado,**

**cada um as via com um critério idêntico ao do outro.**

**Mas cada um via uma coisa diferente,**

**e cada um, portanto, tinha razão.**

**Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.**

**Fernando Pessoa**

 Entre 1936 e 1939, a Espanha consolidou um processo chave, entrevisto na distância segura desses quase noventa anos que nos separam daqueles dias dramáticos, para o entendimento de outras camadas de um intrincado palimpsesto, em que política, economia, cultura, ideologia, geopolítica, dominação, dentre outros elementos constituem grosseiras filigranas entremeadas de uma laca tão viscosa que mais confunde do que esclarece.

 A construção do caráter ideológico que a princípio distinguiu fascistas de anarquistas, em poucos anos fragmentou-se em tantos lados que os “rojos” e as falanges da ordem negra perceberam-se novamente mais familiares do que inimigos, como de fato o eram.

 A metodologia da morte e do extermínio expressos nos fuzilamentos de lado a lado, nas execuções sumárias, na fúria que horrorizou até mesmo os nazistas encabeçou tais afinidades. Antes que as novas identidades empoderadas pela ideologia assumissem papéis sinistramente ambíguos, sujeitos sociais distintos conviveram com relativa passividade.

 Entender como tais papéis foram consolidados significa desvendar como a ideologia, essa máquina de empoderamentos, construiu inimigos tão claros a princípio e tão difusos com o desenrolar dos acontecimentos.

 O resgate do trabalho realizado com crianças pode ser um caminho adequado para desvendar esses empoderamentos. Todavia, dado a exigüidade proposital deste ensaio, nosso exercício de reflexão se concentrará nas crianças da chamada “esquerda espanhola”, embora o cultivo do inimigo tenha respondido a métodos similares em ambos os lados do conflito.

 Se considerarmos que dois terços da população da terra vivem literalmente aviltados pela pobreza e pela miséria, algo em torno de quatro bilhões de pessoas e ainda assim não saem por aí matando uns aos outros, então somos obrigados a nos indagar sobre as razões que levaram espanhóis a um confronto tão feroz, tão destrutivo e tão...simétrico em seus procedimentos.

 Temos tido exemplos demais sobre a paciência infinita dos pobres. Dos que sempre foram julgados pobres, dos que deixaram de sê-lo e foram admitidos ao mundo “civilizado”, à condição de cidadãos, dos que assumiram a condição de ricos e viram-se cada vez mais identificados com aqueles que submetem e, mais contemporaneamente, com uma ampliação que chega àqueles trinta por cento de consumidores que hoje caracterizam o mundo “civilizado”.

 A grande maioria dos confrontos do século XX teve como motivação o aspecto ideológico: em raros casos não é uma mera disputa por poder.

 O que define o mundo e suas transformações possíveis são sempre os métodos empregados para mudá-lo. No caso em questão, qualquer um dos lados envolvidos no conflito teria obrigação de empregar o poder para mantê-lo quando a vitória fosse conquistada. Quanto aos fascistas é fácil entender sua conservação já que a história registrou as conseqüências de sua vitória. Já no caso dos anarquistas, como seria o mundo espanhol após sua vitória? O mesmo que aconteceu na Rússia após 1917? Poder conquistado com armas necessitará sempre de armas para manter-se.

 Poder, essa entidade racional que habita os homens modernos, que conquista cada vez mais almas por meio da ideologia e da hegemonia, que expande seus tentáculos pela experiência da morte, esse êxtase que Goya já havia alertado como um vício, uma toxina que torna a todos cúmplices, déspotas, algozes e desumaniza de uma só vez o assassinado e o assassino.

 Títeres, eis como são todos os matadores[[2]](#footnote-2); cordas são suas ilusões de mudanças, enquanto lá em cima, sorrindo, os titereiros saturados do poder vão cada vez mais, na mesma proporção que ampliam seus bonecos, descendo de seus pedestais pela mesma corda que ilumina seus sequazes, buscando a mesma luz forte que cria a sombra necessária ao ocultamento de suas identidades[[3]](#footnote-3) em meio à multidão de facínoras com seus rostos gordos, generosos, patriarcais, bondosos: o rosto do cidadão, que já foi soldado, já foi revolucionário, já foi servidor da pátria, já foi funcionário público.

 Dizem que a maior artimanha do diabo foi convencer as pessoas de que ele não existe. Os poderosos também seguiram essa mesma estratégia, só que invertida: resolveram empoderar uma parcela da humanidade e, com isso, misturaram-se com seus escravos, numa aliança danada de esperta.

 A guerra civil espanhola é um exemplo de uma etapa desse projeto. Daí que estudar o modo como torceram as crianças é também um modo de vislumbrar a atuação do funcionamento da máquina da ideologia e de sua forma peculiar de produção de hegemonia.

 Antes, contudo, precisamos entender qual a verdadeira função da ideologia. Há um pressuposto, quando tratamos do funcionamento da ideologia: é de que a hierarquia entre os homens é “natural”, ou seja, que ela existe desde tempos imemoriais, de tal sorte que não é possível rastrear seu aparecimento. Disso decorre que, como a hierarquia é entendida como fruto da civilização, a ideologia seria uma ferramenta a disposição de diversos grupos para atingirem o topo da hierarquia social.

 Em outras palavras, a ideologia como sendo um conjunto de crenças, valores e percepções de um grupo social que busca convencer a todos os outros grupos a assumirem essas mesmas crenças, valores e percepções, de tal sorte que todos assumam a postura do vencedor.

 Contudo, alguns indícios podem nos auxiliar na construção de hipótese diferente. La Boetie, no início da modernidade se assustava com a condição de servos que seus contemporâneos assumiam, revelada na obra “Discurso da servidão voluntária”. Se os homens de seu tempo tivessem uma convivência tão familiar com a servidão, não seria necessário seu espanto.

 Pascal, um pouco depois, escreve em seus “Pensamentos”: *“O povo não deve sentir a verdade da usurpação: ela foi introduzida sem razão e tornou-se razoável; é preciso fazer que ela seja vista como autêntica, eterna, e esconder o seu começo se não quisermos que logo tenha fim”.*

 A ideologia, nessa perspectiva, seria todo o ferramental necessário à ocultação desse início, naturalizando a iniqüidade. Logo, as instituições (Estado, família, escola, trabalho) tiveram a incumbência de hierarquizar todo o real, de tal sorte que só restassem aos oprimidos a opção da tomada do poder para desfazer a arquitetura da dominação, criando, com isso, lógico, apenas outra configuração da mesma dominação. É a isso que denomino de racionalidade do poder.

 Recordemos a já célebre frase de Dom Miguel de Unamuno, esse tradicionalista empedernido, acerca da Espanha e de sua recusa dos progressos técnicos: “ellos que inventém...ellos que inventém...”. A maldição do ouro havia cobrado seu quinhão, estabelecendo, dentre outros fatores, a singularidade espanhola no cenário europeu. Caracterizada por baixos índices de ideologia, a Espanha ainda lidava com os rudimentos de uma grosseira estrutura rural e cristã e os conflitos de uma mentalidade castelã no trato com os campesinos.

 A religião ainda justificava as relações sociais injustas, acomodando tensões e até certo ponto atenuando conflitos devido a um rizoma equacionado quase que exclusivamente pela pia fé dos contendores.

 Excetuando Barcelona e Aragon, onde os anarquistas haviam estabelecido princípios participativos, o resto da Espanha ainda era constituída de uma estranha mistura de monarquistas, tradicionalistas e anti-republicanos, acrescidos de um exército com tradição de repressão interna mais do que defesa externa do país. Com a república, um espírito conspiratório tem início: “formariam um novo e legal partido monarquista equivocamente chamado Renovación Española: fundariam a revista Acción Española, sob a direção de Ramiro Maezta, ex-anarquista da geração de 1898, com o programa de pugnar publicamente em favor de uma insurreição contra a república; e fundariam uma organização para criar o ambiente de revolução no exército. Essa organização teve o nome de Unión Militar Española”[[4]](#footnote-4).

Quando, em 1931, da fundação do Clube Independente Monarquista, naquela Espanha recém republicana, confrontaram-se carlistas com seu emblema “Dios, Pátria y Rey” e anarquistas ligados à Confederación Nacional del Trabajo, ainda tratava-se de uma minoria barulhenta de não mais que 50.000 pessoas em toda Espanha (lembremos que só a CNT tinha mais de um milhão de associados anarquistas[[5]](#footnote-5)).

De um lado, carlistas que imaginavam salvar a Espanha com uma pistola na mão direita e um missal na esquerda e de outro os anarquistas que imaginavam fazê-lo com uma pistola na mão esquerda e uma enciclopédia na direita.

Uma revista e um jornal trataram de fomentar as aspirações tradicionais: *La conquista del Estado*, revista criada por Ramiro Ledesma Ramos incorporava, bem ao modo espanhol, a voga racialista, enfatizando o conceito de raça espiritual e cultural da Espanha católica e tradicional. Já José Antonio Primo de Rivera inaugura o jornal *El Fascio*, que assumirá definitivamente as características da Falange Espanhola, que em 1933 resume todo seu ideário:

... ataca Rousseau, o moderno liberalismo e o sufrágio universal que conduziram a Europa a este sistema democrático, o mais ruinoso sistema de “malgastar energias”. E, diante da estupefação dos conservadores, José Antonio exclama: “O estado liberal nos trouxe a servidão econômica e disse aos operários este trágico sarcasmo: sois livres de trabalhar ou não trabalhar; ninguém pode forçar-vos a aceitar esta ou aquela condição de trabalho; mas como somos nós os ricos, oferecemo-vos as condições de nosso agrado que vós, cidadãos livres, podeis rejeitar se não são do vosso agrado, mas sendo vós os cidadãos pobres, se não aceitais as condições que vos oferecemos, só vos resta morrer de fome com grande dignidade”[[6]](#footnote-6).

Se, de um lado, essa singularidade expressa toda a dimensão classista que se desenrola nesse momento, de outro permite vislumbrar que a ideologia é ainda rarefeita em relação ao que está ocorrendo no restante da Europa Ocidental.

 A imprensa de esquerda não estava silenciada, estabelecendo um campo de batalha feroz. Em 1931 aparece o jornal *El Mundo Obrero,* responsável direto pela crescente admissão dos comunistas até estabelecerem-se como principal força da Frente Popular. Então, lá no calor dos combates, as palavras de Durruti já não mais farão eco:

Queremos liberar a nuestros hermanos de Cataluña. Queremos ser milicianos de la Libertad, no soldados de uniforme. El ejército se há comprobado que es un peligro para el pueblo! Milicianos si! Soldados jamás!

 O dilema de Durruti não há de durar muito. Antes que o ano de 1938 acabe, ele acatará as ordens do partido comunista para regulamentar seus efetivos milicianos num exército efetivo, superando um dos mais importantes imperativos anarquistas...e tudo em nome do poder.

 A ferocidade será, então, moeda corrente entre as diversas facções. As forças regulares franquistas oriundas do Marrocos matavam com uma racionalidade assustadora:

O Governo Leroux-Gil Robles fuzilava os mineiros e perdoava aos culpados, conseguindo assim, como todo governo débil, aliar o medo à ferocidade[[7]](#footnote-7).

 Guernica irá desmanchar sob as bombas nazistas enquanto os “rojos” serão sistematicamente caçados e sumariamente executados por toda a Espanha. Enquanto isso, em Madri, Barcelona e Oviedo, assim como no país basco e na Catalunha foram assassinados 35 sacerdotes e incendiadas 58 igrejas; foram igualmente dramáticos os fuzilamentos de religiosos das Escolas Cristãs de Turon e dos seminários de São Lázaro. Nas Astúrias, segundo o jornal Osservatore Romano, 16.000 freiras, bispos e padres foram assassinados. Ao mesmo tempo que Guernica sofria o mais terrível bombardeio da história, no mesmo país basco, a perseguição religiosa impetrada pela esquerda atingia 278 padres, 125 religiosos que foram torturados, mortos e tiveram seus corpos pendurados em açougues com os dizeres: “carne de porco”.

 Cartazes veiculados durante o conflito dialogam perturbadoramente com essas reflexões. O exemplo a seguir adquire o estatuto de simulacro.

Sua concepção especular, embora reativa, impõe-se com seu rigor de mimese. Produzido nas gráficas do POUM (Partido Obrero de Unificacion Marxista), todo seu apelo voluntarista explode num requerimento para uma nação de soldados, travestida de toda tradição que a tauromaquia legitima. Afinal, é de alistamento, e de convencimento, de retórica, que tratavam.

O registro em que se inscreve pode, e deve, ser melhor interpretado já que toda sua dimensão imagética chega cheia até nossos dias, repleta de historicidade.

A equivalência é, ao mesmo tempo, seu esplendor e sua ruína. Simetria. A ambivalência e a ambigüidade é seu ruído. Ouçamo-la:



 Quem é afinal o invasor? Os alemães? A Brigada Internacional? Franco, que retornava do Marrocos com suas forças falangistas? Quem? Sabemos apenas que tanto os falangistas quanto os comunistas queriam, acima de tudo, a centralização.

 Não custa recordar que ao final de 1939 as forças fascistas contavam com mais de um milhão de homens, enquanto o Exército Popular resistia com 600.000 homens[[8]](#footnote-8). Ou que do lado das forças franquistas marchavam fascistas italianos e alemães e do outro, as brigadas internacionais dentre as quais a Abraham Lincoln ou as forças militares que vieram da URSS[[9]](#footnote-9).

 Quando observamos esses eventos da perspectiva de um olhar mais atento, o resultado é espantoso. O escrito é de Orwell:

Lembro-me de haver dito a Arthur Koestler: “A história estancou em 1936”, ao que ele concordou de imediato balançando com a cabeça. Pensávamos os dois ao totalitarismo em geral, mas particularmente na guerra civil espanhola. Muito cedo, na minha vida, pude perceber que nenhum acontecimento é relatado com exatidão nos jornais, mas na Espanha, pela primeira vez, vi artigos de jornais que não tinham absolutamente nada com os fatos, nem mesmo a aura de uma mentira ordinária. Li artigos dando conta de grandes batalhas, quando não havia ocorrido nenhum combate e silêncios glaciais quando centenas de homens haviam sido mortos. Eu vi soldados que haviam bravamente combatido serem denunciados como covardes e traidores e outros que não haviam jamais dado um único tiro de fuzil, proclamados heróis de vitórias fictícias (...). Vi, assim, a história escrita não conformemente ao que realmente se passou, mas ao que supostamente havia se passado segundo as diversas “linhas de partidos” (...). Esta sorte de coisas me terrifica, porque me dão a impressão de que a noção mesma de verdade objetiva está desaparecendo desse mundo (...). À todos fins úteis, a mentira tornar-se-á verdade (...). A vitória implícita desse modo de pensar é um mundo *pesadelesco* no qual o Chefe - ou algumas castas dirigentes, controla não somente o futuro, mas o passado. (...) Esta perspectiva me terrifica muito mais que as bombas – e após nossas experiências dos últimos anos, não se trata de uma conjectura frívola[[10]](#footnote-10).

 E um pouco mais adiante, em resposta a Nancy Cunard, coordenadora da petição *Escritores Tomam Posição sobre a Guerra na Espanha* e filha de um riquíssimo armador de uma empresa de transporte marítimo, a CUNARD STEAMSHIP LINES lhe envia uma demanda de posicionamento, ao que Orwell responde:

Por favor, não me escreva mais essas idiotices de merda (*bloody rubbish*). Já é a segunda ou a terceira vez que eu as recebo (...) Eu passei seis meses na Espanha combatendo na maior parte do tempo; carrego um buraco de bala na pele e não tenho vontade de escrever besteiras pela defesa da “democracia”. Ainda mais que eu sei o que se passa e o que se passou no campo republicano no curso dos últimos meses.

Eu sei que se está impondo o fascismo aos trabalhadores espanhóis em nome da luta contra o fascismo; desde maio, está sendo imposto um regime de terror nas prisões – e qualquer outro lugar que pode ser transformado em prisão - se enche de detentos que serão penalizados sem julgamento, a menos que morram de fome. São injuriados e supliciados sem escrúpulos (...). Ao que tudo indica, a Senhora tem dinheiro; e está bem informada, de sorte que não resta dúvida que sabe alguma coisa sobre a história da guerra; e se associou deliberadamente à defesa da escroqueria (do “racket”) da “democracia”, quer dizer, do capitalismo, para contribuir ao esmagamento da classe operária espanhola.

Defende assim, indiretamente os benefícios sujos que subtrai.

Mas se eu escrever seis linhas daquilo que eu sei sobre a guerra civil espanhola, a senhora não publicará. Não terá a coragem[[11]](#footnote-11).

 Pensar nas questões ideológicas significa afinar o olhar para detalhes obscuros. Para o caso das crianças, tomemos a produção fílmica, da época e posterior, os cartazes produzidos pela esquerda e os próprios desenhos produzidos por elas, cujo olhar diz mais do que todas essas palavras ousariam dizer.

 Filmes como *La lengua de las mariposas, O labirinto do fauno, Los niños de Rusia, A garra do diabo,* dentre outros, produções nossas contemporâneas, trazem a relação que nos interessa mais de perto entre a Guerra e as crianças.

 Em todos eles, de um jeito ou de outro, as crianças recebem os despojos ainda fumegantes da ideologia. São forçadas a odiar, são aterrorizadas pela tradição inventada e se refugiam nos profundos desfiladeiros das fábulas, esse esconderijo oculto pela modernidade, são arrastadas para o infortúnio do exílio e desenraizadas de seus referenciais, são internadas em instituições dramáticas para polimento de suas almas.

 Poderíamos retrucar que se as produções culturais são fruto de seu próprio tempo, então essas recentes discussões sobre o envolvimento das crianças no conflito não passa de um resgate oportunista e que mais tem a ver com nosso tempo e com os dramas de nossas próprias crianças e nada, ou quase nada, com aqueles tempos perigosos.

 Ora, pode ser isso ou também pode ser que tais feridas ainda não estejam fechadas. Naqueles tempos obscuros, a produção de filmes pressupunha engajamento e propaganda, veiculação de idéias e prescrição de comportamentos. E era abundante a utilização desse recurso.

 Em grande medida, os nazistas construíram a figura do judeu como uma “sub raça” pela via do cinema[[12]](#footnote-12).

 Entre 1936 e 1937, o Sindicato Único de Espetáculos, filiado à CNT – Confederação Nacional dos Trabalhadores produziu, nas zonas em que as forças republicanas sob a influência dos anarquistas mantinham ainda controle, uma série de filmes cujo didatismo estava caracterizado.

 Nesses filmes, idealização e utopia confundem-se com a coletivização das fábricas, dos espaços de educação e das assembléias políticas.

 *Aragon trabaja y lucha*, de 1936, dirigido por Manuel P. de Somacarrera, apresenta o cotidiano das vilas de Aragon, em que as forças de ocupação anarco-sindicalistas oriundas da Catalunha constituem personagem central tanto na batalha quanto no cotidiano.

 *Aurora de esperanza, En la brecha, Barrios bajos, La silla vacia, Nuestro culpable, Barcelona trabaja para el frente, Nosotros somos asi, El frente e la Retaguardia, La ultima.* Em todos esses casos, os filmes articulam o idealismo e as promessas de um novo mundo com as mazelas dos tempos da guerra.

 *Carne de fieras*, filme de 1936 dirigido por Armand Guerra conta a história de um menino de rua que cai no lago de um parque e é salvo por um boxeador. Crise de um modelo de família e abertura para outras formas de relações em que a humanização e o amor falam mais que as convenções.

 As crianças estão em todos os filmes, embora neste último sua presença seja central. Também evocam as idealizações propagandísticas de uma aurora da humanidade que já pode ser entrevista nas autogestões e nos conselhos.

 Cadernos de desenho encontrados (e publicados) feitos por crianças na plenitude do conflito podem apoiar essa hipótese:





 Aqui, cinema e guerra não admitem distinguir sobre o lado de cada um. Seria a pedagogia a aproximá-los?

 Todavia, quando nos enfiamos mais fundo nas diretrizes do programa, em seus fundamentos, esta aura de promessas assume outros aspectos.

 Em 27 de julho de 1936, a Catalunha implanta o “Conselho da Escola Nova Unificada” (CENU), concebida como etapa fulcral para a realização de uma verdadeira sociedade anarquista.

 Pedagogia inspirada diretamente nas idéias de Francisco Ferrer y Gardia, a escola racionalista implicava na seguinte visão de futuro:

Estamos convencidos de que a educação do futuro será uma educação absolutamente espontânea. É verdade, não nos é possível realizá-la atualmente, mas a evolução dos métodos, no sentido de uma melhor compreensão dos fenômenos da vida, e o fato de que todo aperfeiçoamento significa a supressão da violência, tudo isso nos indica que estamos num bom caminho, esperando que a ciência libere a criança.[[13]](#footnote-13)

 Devemos destacar dois pontos centrais nessa visão. De um lado, o conceito de criança como ser “em formação” e não como ser “que cria” e de outro a ciência como elemento de aprimoramento individual.

 Em função disso, essa pedagogia

deveria entender-se e sentir-se como arte, que ela deveria apoiar-se na inspiração íntima e criadora do professor[[14]](#footnote-14).

 E o papel do professor não pode ser diminuído:

O ensino oral sugestivo, dado por aqueles que sabem àqueles que compreendem é o melhor método. A geografia começa ao redor de si, pela observação direta. Se eu fosse professor de geografia, eu evitaria começar por manuais e mapas[[15]](#footnote-15).

 Aliás, *Pedagogo* é aquele sujeito ligado à família que leva o *aluno* pela mão, guia apto, portanto, a indicar o caminho a ser seguido. E o bom caminho, nesse caso, é a coletividade:

Visto que todos devem servir à comunidade, a seleção se fará sobre a base dos fatores claramente individuais, levando em conta as capacidades intelectuais e a vontade da criança. Não é, pois, uma seleção, mas, ao contrário, uma distribuição de capacidades em concordância com as necessidades comunais[[16]](#footnote-16).

 E a certeza de que este é o melhor caminho a ser seguido, como uma lógica fundada na melhor racionalidade iluminista, vaticina:

Nessa obra, como em todas aquelas que publicamos anteriormente, seguimos nosso propósito de emancipação, rejeitando as idéias de ganho, especulação e intolerável submissão de categorias sociais fundadas na desigualdade privilegiada, rejeitando também os dogmas não validados pela ciência. Trabalhamos para fundar uma sociedade de paz e bem-estar...[[17]](#footnote-17).

 Depois dos frankfurteanos e suas críticas à natureza política do esclarecimento, depois de Foucault e seus micropoderes, depois da pedagogia de Ivan Ilich e do conceito de currículo oculto de Michael Apple podemos afirmar que, pela peculiaridade do ensinar, que pressupõe alguém que sabe e outro que não sabe “aquele determinado conhecimento”, que deve ser “imposto”, pois é supostamente necessário, como se o conhecimento fosse produzido descolado da realidade histórico-social que o engendrou, ou seja, como se tal conhecimento não fosse eminentemente político[[18]](#footnote-18), o ato de ensinar é a fonte elementar da desigualdade e, sobretudo hoje, da violência.

 O ato de ensinar é, por isso, em qualquer circunstância, uma negação do outro, portanto, se ensina, acima de tudo, obediência e submissão, sobretudo se o que estiver sendo ensinado for a revolta, a rebelião ou a revolução, pois o ensinar é uma práxis, uma força prática transformadora, uma experiência cotidiana, uma relação enfim. O ensinar é a erradicação da experiência da sublevação: necessita de atenção, silêncio, obséquio, paciência. Daí que a principal experiência do aprendiz é a relação com o poder (do professor, do conhecimento).

 Não nos espanta, então, que quase todos os centros escolares constituídos pelo CENU na Catalunha tenham sido convertidos em quartéis durante a guerra civil espanhola[[19]](#footnote-19).

 Quando de sua execução em 1909, disse dele outro professor de “ideologia oposta” mas de métodos pedagógicos tão similares, nosso já conhecido e ferrenho tradicionalista Unamuno:

Enfim, fuzilaram o fantoche, o polichinelo Ferrer, mistura de louco, imbecil e criminoso, covarde e poltrão; o monomaníaco com delírios de grandeza e erostratismo, que provocou uma campanha indecente (contra a Espanha, entenda-se) de mentiras e calúnias[[20]](#footnote-20).

 Ambos professores, um ensinando sobre Deus e a Pátria, enquanto o outro ensinando sobre a Revolução. Conteúdos diversos, métodos iguais, que consiste em coisificar “o outro”, em saber exatamente do que o outro precisa, já que é um ser incompleto, ainda não completamente humano, pensante e vívido. E quem ganha com isso, além do ódio, a ideologia que naturaliza a desigualdade e impede que se perceba que serão as relações entre sujeitos que devem dispor do respeito sobre todas as diferenças, de saberes, de idade, de experiência, de opinião, de perspectivas, de visão de mundo.

 Devo parar, mas não quero parar; por isso volto a Boaventura Durruti. É perdoável sua inocência, que o convencera ser possível tomar o poder abdicando da racionalidade do poder?

 O que viria depois de terminada a guerra é digno de se notar:

A [Guerra Civil Espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola) deixou mais ou menos 1 milhão de mortos. De certa forma, ela serviu de demonstração do poder bélico que a [Itália](http://pt.wikipedia.org/wiki/It%C3%A1lia) e a [Alemanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha) vinham armazenando para a [Segunda Guerra Mundial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial).

Terminada a [Guerra Civil Espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola) com a vitória dos auto-denominados *nacionalistas* ou *[Movimiento Nacional](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimiento_Nacional%22%20%5Co%20%22Movimiento%20Nacional)*, Franco passou a ser o [chefe de Estado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chefe_de_Estado), proclamando-se *Caudilho de Espanha pela graça de Deus*.

Os primeiros anos do regime franquista coincidiram com a Segunda Guerra Mundial, retribuindo Franco o auxílio que lhe fora prestado por [Hitler](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hitler) e [Mussolini](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mussolini) durante a Guerra Civil: na frente oriental contra a [URSS](http://pt.wikipedia.org/wiki/URSS), a Espanha franquista colaborou com a "[Divisão Azul](http://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_Azul)" de [infantaria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Infantaria), a "Legião Espanhola de voluntários" e a "Esquadrilha Salvadore". Internamente, o regime praticou uma política [econômica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia) [autárquica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Autarquia) que freou o desenvolvimento do país.

Depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas condenou formalmente o regime franquista através da resolução 39 (1), em 12 de Dezembro de 1946, solicitando que, "dentro de um tempo razoável", fossem realizadas eleições no quadro de uma abertura política na qual fossem garantidas as liberdades públicas de expressão e de reunião. Como medida de pressão, a ONU recomendou aos seus membros o corte de relações diplomáticas com a Espanha.

Em 31 de Março de 1947, Franco anunciou uma "Lei de Sucessão" para se poder vir a estabelecer uma Monarquia Constitucional em Espanha. As Cortes espanholas aprovaram a referida Lei em 7 de Junho, que foi submetida a referendo e aprovada no dia 6 de Julho.

No dia 1 de Agosto de 1950, o Senado dos [Estados Unidos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Unidos_da_Am%C3%A9rica) aprovou um empréstimo de 110 milhões de dólares a Espanha, e no mesmo dia a Embaixada de Espanha em Washington anunciou a vontade de Franco enviar soldados para combater o comunismo na Guerra da Coreia (1950-1953).

Em 1953, o governo de Franco assinou uma [Concordata](http://pt.wikipedia.org/wiki/Concordata) com o [Vaticano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaticano). No mesmo ano assinou também o Pacto de Madrid com os Estados Unidos, cedendo aos americanos o direito de instalação de bases militares em Espanha, a primeira das quais foi aberta em Rota dois anos depois. Nesse ano de 1955, a Espanha de Franco foi admitida na [Organização das Nações Unidas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas).

Nos [anos 1960](http://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9cada_de_1960) produziu-se um aumento notável do nível de vida da população em geral ([*desenvolvimentismo*](http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimentismo)), ainda que o nível de liberdade pessoal e política não tenha aumentado da mesma maneira.

O franquismo como regime político acabou com a morte de [Francisco Franco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Franco), que foi sucedido na chefia do Estado espanhol pelo Rei [Juan Carlos I](http://pt.wikipedia.org/wiki/Juan_Carlos_I_de_Espanha). A [transição espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Transi%C3%A7%C3%A3o_espanhola) para um sistema político baseado na [democracia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia) [parlamentar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Parlamentarismo) foi relativamente suave.

[Ideologicamente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia), o franquismo é baseado no [fascismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fascismo), adaptado para a Espanha pelo movimento [falangista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Falange_Espanhola). As bases do regime franquista foram definidas pela unidade nacional espanhola ([nacionalismo de estado](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nacionalismo_de_estado&action=edit&redlink=1)), pelo [catolicismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Catolicismo) e pelo [anti-comunismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anti-comunismo%22%20%5Co%20%22Anti-comunismo). Apesar de o regime ter-se autodefinido como *democracia orgânica* com fins propagandísticos, não pode ser considerado de forma alguma como [democrático](http://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia), em comparação às democracias parlamentaristas contemporâneas. É mais adequado defini-lo como [ditadura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura) ou regime [totalitário](http://pt.wikipedia.org/wiki/Totalitarismo).

Há grupos reduzidos de [extrema-direita](http://pt.wikipedia.org/wiki/Extrema-direita) que se declaram franquistas e reivindicam abertamente o regime franquista. Estes grupos defendem uma visão da [História da Espanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Espanha) coerente com a propagada pelo franquismo.

Por outro lado, levando em conta que o regime controlou a [educação](http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o) durante quase 40 anos, que a transição para a democracia foi gradual, e que houve uma amnistia geral com todos os integrantes ou colaboradores do regime franquista, há quem argumente que o franquismo como fato social perdurou na Espanha muito além de [1975](http://pt.wikipedia.org/wiki/1975) (o chamado *franquismo sociológico*). Obviamente, isto é objeto de controvérsia, e de fato o uso do termo *franquista* de forma derrogatória foi sido relativamente habitual no debate político dos últimos anos.

 Faço notar aqui certo embrião:

Os Meninos roubados pelo franquismo são aqueles meninos que, durante a [Guerra Civil Espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola) e o [pós-guerra espanhol](http://pt.wikipedia.org/wiki/Franquismo), foram arrebatados às suas mães [republicanas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Rep%C3%BAblica_Espanhola), quer por estarem estas no cárcere ou por terem sido assassinadas pelo exército golpista.

Os "Meninos roubados pelo franquismo" é um episódio pouco conhecido da história recente da [Espanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha). Faz referência ao desaparecimento de filhos de republicanos e a separação forçada das suas famílias por parte da [repressão franquista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Repress%C3%A3o_franquista). Conforme as tropas sublevadas de Franco ganhavam terreno, as prisões lotavam-se de pessoas que foram leais com a [República](http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Rep%C3%BAblica_Espanhola). Entre os prisioneiros havia milhares de mulheres [militantes](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Milit%C3%A2ncia&action=edit&redlink=1) de partidos políticos de esquerda ou, simplesmente, esposas, mães ou irmãs de republicanos. As cárceres também se lotavam de meninos que nasceram ou que ingressaram na [prisão](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pris%C3%A3o) com as suas mães e que passaram os primeiros anos da sua vida privados de liberdade por serem filhos de republicanos.



|  |
| --- |
| * Um rapaz com o uniforme da [Federação Anarquista Ibérica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Federa%C3%A7%C3%A3o_Anarquista_Ib%C3%A9rica), uma das fotografias clássicas de [Gerda Taro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gerda_Taro%22%20%5Co%20%22Gerda%20Taro) nas suas reportagens da [Guerra Civil Espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola).
 |

A [ditadura militar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_militar) liderada pelo [general Franco](http://pt.wikipedia.org/wiki/General_Franco) tinha componentes [racistas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo).[[1]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0) Os militares golpistas acreditavam ser uma raça hispânica superior (o dia nacional era chamado o [dia da Raça](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Dia_da_Ra%C3%A7a&action=edit&redlink=1), e [Francisco Franco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Franco) fez o [roteiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roteiro) para um filme com o título de *[Raza](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Raza_(filme)&action=edit&redlink=1" \o "Raza (filme) (página não existe))*, "Raça"). Tal superioridade outorgava o direito de conquista e submissão sobre outras *raças inferiores*. Por tais eram classificados os republicanos [vermelhos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo), adjetivo utilizado genericamente pela ditadura, para os que se opuseram ao golpe militar. O ideólogo dessa doutrina era o militar psiquiatra [Antonio Vallejo-Nájera](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Antonio_Vallejo-N%C3%A1jera&action=edit&redlink=1" \o "Antonio Vallejo-Nájera (página não existe)), que dirigia os[Serviços Psiquiátricos do Exército](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Servi%C3%A7os_Psiqui%C3%A1tricos_do_Ex%C3%A9rcito&action=edit&redlink=1).[[1]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0)[[2]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-1#cite_note-1) A formação psiquiátrica de Vallejo-Nájera foi, em parte, na [Alemanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha), onde estudou as teorias racistas [nazis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nazismo) das quais era admirador. Mas a sua interpretação de raça tinha mais componentes político-culturais e psicológicas do que étnicas, embora tivesse elementos antijudeus.[[1]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0) Também se tem de levar em conta que os alemães nazis consideravam os [soviéticos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sovi%C3%A9tico) seres infra-humanos. As teorias de Vallejo-Nájera estão recolhidas nos seus livros, por exemplo em *Eugenesia de la Hispanidad y regeneración de la raza*, onde define a raça como espírito:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | *A raça é espírito. Espanha é espírito. A Hispanidade é espírito… Por isso temos de impregnarmo-nos de Hispanidade… para compreender a nossas essências raciais e diferenciar a nossa raça das estranhas.*[*[1]*](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0) |  |

A suposta *inferioridade* de raça podia ser corrigida a uma idade temporã. Portanto, os infantes eram arrebatados às mães *vermelhas* para evitar "a sua contaminação e degeneração". A [Ação Social da Falange](http://pt.wikipedia.org/wiki/Falange_Espanhola) e a [Igreja](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja) espanhola tiveram um papel de destaque nesta "depuração da raça".[[1]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0) Esses roubos eram feitos, muitas vezes, a benefício de casais adeptos ao regime franquista que desejavam ter filhos.[[1]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0)

Este foi um dos motivos para que a espoliação de crianças chegasse a ser política de Estado. O [Ministério de Justiça](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Minist%C3%A9rio_de_Justi%C3%A7a&action=edit&redlink=1) tinha como responsabilidade *recolher* todos os filhos dos assassinados, encarcerados ou desaparecidos, com o fim de [doutriná-los](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Doutrinamento&action=edit&redlink=1) no novo modelo de Estado. Em 1943, os filhos de republicanos sob tutela estatal eram 12.043.[[1]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0#cite_note-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008-0)

O regime de Franco não somente queria aos filhos dos republicanos em território espanhol. Durante a guerra civil, muitos pais tiveram de tomar a decisão de evacuá-los ao estrangeiro. Após ganhar a guerra, Franco decidiu que todos estas crianças regressassem para Espanha, com ou sem autorização paterna.[[3]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004-2#cite_note-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004-2) O regime converte a repatriação destes menores numa grande operação propagandística. Uma lei de 1940 marcava que a pátria potestade das crianças que estavam em centros de [Auxílio Social](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aux%C3%ADlio_Social&action=edit&redlink=1) passava automaticamente ao [Estado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado). Isto criava um grande risco de que os pais perdessem a criança para sempre.[[3]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004-2#cite_note-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004-2) Entre todas as crianças espanholas no estrangeiro, o regime franquista tinha particular interesse pelos que ficavam na [União Soviética](http://pt.wikipedia.org/wiki/Uni%C3%A3o_Sovi%C3%A9tica). Para Franco, era um golpe de efeito poder sacá-los do país onde triunfara a revolução comunista.

Mulheres milicianas republicanas.

A situação nas cárceres franquistas

A repressão foi vivida pelas mulheres republicanas e os seus meninos tanto fora quanto dentro das cárceres. Há numerosos testemunhos orais de mulheres que contam todo tipo de vexações.[[4]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-O_Correio_26.2F05.2F2008-3#cite_note-O_Correio_26.2F05.2F2008-3) As condições de vida nas cárceres era deplorável. Devido aos encarceramentos massivos, vivia-se numa situação de grande amontoamento. Apenas davam de comer e as condições higiênicas eram lamentáveis. Portanto, muitas das crianças que entraram com as suas mães nas cárceres faleceram nelas. As que sobreviviam, eram separadas das suas mães e, em muitos casos, dadas em adoções ilegais, pois por lei os menores apenas podiam estar no cárcere com as suas mães até os três anos de idade. Outras acabaram em conventos, forçadas a tornarem-se monjas e religiosos.[[3]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004-2#cite_note-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004-2)[[4]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-O_Correio_26.2F05.2F2008-3#cite_note-O_Correio_26.2F05.2F2008-3)

## Reparação legal e moral

Para o juiz [Baltasar Garzón](http://pt.wikipedia.org/wiki/Baltasar_Garz%C3%B3n), este delito constitui um crime contra a Humanidade que não tem prescrito, pois muitas vítimas, filhos e alguns pais, podem ainda estar vivos.[[5]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-4#cite_note-4) Por este motivo, o magistrado insta às instituições, ao [Ministério Fiscal](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Minist%C3%A9rio_Fiscal&action=edit&redlink=1) e aos juízes a que pesquisem, sancionem os culpáveis e reparar às vítimas, de maneira a que possam recuperar a identidade que lhes foi arrebatada.[[6]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008-5#cite_note-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008-5)

O juiz inclui no seu escrito cifras, baseadas em fontes históricas, que elevam a mais de 30.000 o número de filhos de presas republicanas*tutoradas* pela ditadura franquista entre 1944 e 1954.[[6]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008-5#cite_note-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008-5) O informe também especifica as principais formas de substração de menores, sem esquecer os que foram trazidos do estrangeiro, contra a vontade das suas famílias, entre 1939 e 1949, através de uma estrutura de ações e organismos, nomeadamente o [Serviço Exterior da Falange](http://pt.wikipedia.org/wiki/Falange_Espanhola). O juiz indica que os sobrenomes foram mudados às crianças para as entregarem a famílias afins ao regime franquista.[[7]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-6#cite_note-6) foram retirados às mães e nunca foram devolvidos aos seus familiares, nem também não se tentou fazê-lo. Para [Baltasar Garzón](http://pt.wikipedia.org/wiki/Baltasar_Garz%C3%B3n), as crianças perdidas são parte das vítimas do franquismo.[[6]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008-5#cite_note-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008-5)[[8]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-7#cite_note-7)

Outro terceiro coletivo de crianças roubadas pela Ditadura franquista seriam os meninos de ambientes *[máquis](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M%C3%A1quis&action=edit&redlink=1" \o "Máquis (página não existe))*, como retaliação à inteira família.

### Reconhecimento do Conselho da Europa

Em [2006](http://pt.wikipedia.org/wiki/2006) o [Conselho da Europa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_da_Europa) ofereceu o primeiro reconhecimento internacional aos filhos das presas republicanas cujos sobrenomes foram modificados.[[9]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-8#cite_note-8)

## **Obras sobre o tema**

### Filmografia

* *Els nens perduts del franquisme* ( *Os meninos perdidos do franquismo*), de [Montserrat Armengou](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Montserrat_Armengou&action=edit&redlink=1) e [Ricard Belis](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ricard_Belis&action=edit&redlink=1" \o "Ricard Belis (página não existe)), documentário dos roubos durante a ditadura. 2002.[[10]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-9#cite_note-9)[[11]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_note-10#cite_note-10)

## **Referências**

1. ↑ [***a***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-0#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-0) [***b***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-1#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-1) [***c***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-2#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-2) [***d***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-3#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-3) [***e***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-4#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-4) [***f***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-5#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-5) [***g***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-6#cite_ref-El_Pa.C3.ADs_24.2F12.2F2008_0-6) *[Niños perdidos del franquismo,](http://www.elpais.com/articulo/opinion/ninos/perdidos/franquismo/elpepiopi/20081224elpepiopi_10/Tes)*[*El País*](http://pt.wikipedia.org/wiki/El_Pa%C3%ADs)*24/12/2008..*
2. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-1#cite_ref-1) Para ampliar este tema, ver o livro de Enrique González Duro *Los Psiquiatras de Franco. Los rojos no estaban locos*. Ed. Península, 2008.
3. ↑ [***a***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004_2-0#cite_ref-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004_2-0) [***b***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004_2-1#cite_ref-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004_2-1) [***c***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004_2-2#cite_ref-Revista_Pueblos_08.2F08.2F2004_2-2) [*Los niños perdidos del franquismo, por Montserrat Armengou e Ricard Belis. Revista Pueblos 08/08/2004.*](http://www.revistapueblos.org/spip.php?article1311).
4. ↑ [***a***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-O_Correio_26.2F05.2F2008_3-0#cite_ref-O_Correio_26.2F05.2F2008_3-0) [***b***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-O_Correio_26.2F05.2F2008_3-1#cite_ref-O_Correio_26.2F05.2F2008_3-1) [*As crianças roubadas do franquismo,*](http://www.elcorreodigital.com/vizcaya/20080526/guipuzcoa/ninos-robados-franquismo-20080526.html)[*El Correo*](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=El_Correo&action=edit&redlink=1)*digital 26/05/2008..*
5. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-4#cite_ref-4) [*Garzón reparte a causa del franquismo,*](http://www.elpais.com/articulo/espana/Garzon/reparte/causa/franquismo/elpepiesp/20081119elpepinac_2/Tes)[*El País*](http://pt.wikipedia.org/wiki/El_Pa%C3%ADs)*19/11/2008..*
6. ↑ [***a***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008_5-0#cite_ref-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008_5-0) [***b***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008_5-1#cite_ref-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008_5-1) [***c***](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008_5-2#cite_ref-P.C3.BAblico_19.2F11.2F2008_5-2) [*"Los niños perdidos son víctimas del franquismo",*](http://www.publico.es/xalok/175572/ninos/perdidos/victimas/franquismo)[*Público*](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%BAblico)*19/11/2008..*
7. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-6#cite_ref-6) [*O juiz Garzón acusa ao franquismo de arrebatar a sua identidade a milhares de crianças,*](http://www.20minutos.es/noticia/429812/57/)[*20 Minutos*](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=20_Minutos&action=edit&redlink=1)*18/11/2008..*
8. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-7#cite_ref-7) [*Los "niños perdidos" del franquismo*](http://www.lasextanoticias.com/noticia/ninos/perdidos/franquismo/312221)[*La sexta*](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=La_sexta&action=edit&redlink=1)*notícias 19/11/08.*.
9. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-8#cite_ref-8) ([em espanhol](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_castelhana))[Os meninos perdidos do franquismo](http://www.elperiodico.com/default.asp?idpublicacio_PK=46&lingua=CAS&idnoticia_PK=568899&idseccio_PK=1006), [*El Periódico de Catalunya*](http://pt.wikipedia.org/wiki/El_Peri%C3%B3dico_de_Catalunya) 8/12/2008.
10. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-9#cite_ref-9) ([em espanhol](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_castelhana))[Nodo 50](http://www.nodo50.org/rebeldemule/foro/viewtopic.php?t=2702).
11. [↑](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meninos_perdidos_do_franquismo#cite_ref-10#cite_ref-10) ([em espanhol](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_castelhana))['Os meninos perdidos do franquismo', um estremedor e duro documentário](http://www.elmundo.es/2002/07/18/comunicacion/1186179.html), [*El Mundo*](http://pt.wikipedia.org/wiki/El_Mundo) 18/07/2002.
* *Este artigo foi inicialmente traduzido do artigo da Wikipédia em*[*espanhol*](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_castelhana)*cujo título é [Niños robados por el franquismo](http://es.wikipedia.org/wiki/Ni%C3%B1os_robados_por_el_franquismo%22%20%5Co%20%22es%3ANi%C3%B1os%20robados%20por%20el%20franquismo).*

## **Bibliografia**

* ARMENGOU, Montse e BELIS, Ricard: *Los niños perdidos del franquismo*. Ed. Plaza y Janés, 2002.
* ARMENGOU, Montse e BELIS, Ricard: *Las fosas del silencio*. Ed. Plaza y Janés, 2004.
* RODRÍGUEZ ARIAS, Miguel Ángel. *El caso de los niños perdidos del franquismo: Crimen contra la humanidad*. Ed Tirant lo Blanc, 2008. 436 pp. [ISBN 8498763037](http://pt.wikipedia.org/wiki/Especial%3AFontes_de_livros/8498763037). [ISBN 9788498763034](http://pt.wikipedia.org/wiki/Especial%3AFontes_de_livros/9788498763034). Pesquisa na que fundamentou parte do seu auto sobre os desaparecimentos durante o franquismo o juiz da [Audiência Nacional](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Audi%C3%AAncia_Nacional&action=edit&redlink=1), [Baltasar Garzón](http://pt.wikipedia.org/wiki/Baltasar_Garz%C3%B3n).

O exemplo mais contundente desse processo é a herança que lhe coube a atual sociedade espanhola:

15/06/2010 - 06:22 | Max Altman | São Paulo

# Hoje na História - 1977: Espanha realiza primeiras eleições pós-Franco

Em 15 de junho de 1977, após mais de 40 anos de ditadura e apenas dois anos depois da morte do general Francisco Franco, a Espanha realiza as primeiras eleições parlamentares livres. A UCD (União do Centro Democrático), de Adolfo Suárez, e o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) de Felipe González, com 34% e 29% de votos respectivamente, saem vencedores em detrimento dos partidos mais radicais como o Partido Comunista (que acabava de ser legalizado), à esquerda, e a Aliança Popular, à direita. A transição democrática espanhola culminaria com a adoção de uma nova constituição em dezembro de 1978.

A "Transição Espanhola" é o período histórico no qual Espanha muda do regime ditatorial do general Franco para o regime constitucional que consagra um Estado social, democrático e de direito. Alguns enquadram o período entre a proclamação de Juan Carlos I de Bourbon como rei da Espanha a 22 de novembro de 1975 e a entrada em vigor da constituição, 29 de dezembro de 1978. Outros a colocam entre duas datas principais: 20 de novembro de 1975, quando falece o ditador Francisco Franco e 28 de outubro de 1982, quando deixa de governar a UCD, partido que promovera o câmbio de regime político e a aprovação da constituição de 1978, de cuja elaboração participou com três dos sete redatores.

O período que acostuma ser considerado pelos historiadores iniciar-se-ia com a morte do General Franco, a 20 de novembro de 1975. O denominado Conselho de Regência assumiu, de maneira transitória, as funções da Chefatura do Estado até 22 de novembro, data na qual Juan Carlos I de Bourbon foi proclamado rei ante as Cortes.

O rei manteve o presidente do governo do regime franquista, Arias Navarro. Porém, logo se manifestaria a dificuldade de levar a cabo reformas políticas sob o seu governo, o que produziria um distanciamento cada vez maior entre Arias Navarro e Juan Carlos I. Finalmente o presidente do governo apresentou a demissão ao rei a 1] de julho de 1976.

  Arias Navarro seria substituído na presidência do governo por Adolfo Suárez, quem se encarregaria de entabular conversações com os principais líderes dos diferentes partidos políticos e forças sociais, mais ou menos legais ou toleradas, para instaurar um regime democrático na Espanha.

O caminho utilizado foi a elaboração de uma nova constituição (a oitava) e a Lei da Reforma Política que, não sem tensões, foi finalmente aprovada pelas Cortes e submetida a referendo no dia 15 de dezembro de 1976. Como conseqüência da sua aprovação pelo povo espanhol, esta lei foi promulgada a 4 de janeiro de 1977. Esta norma continha a derrogação tácita do sistema político franquista em somente cinco artigos e uma convocatória de eleições democráticas.

Estas eleições foram realizadas em 15 de junho de 1977. Eram as primeiras eleições democráticas desde a guerra civil. A União de Centro Democrático foi o partido mais votado, ainda que não atingisse a maioria absoluta e foi encarregado de formar governo. A partir desse momento começou o processo de construção da democracia e da redação de uma nova constituição. A 6 de dezembro de 1978 foi aprovada em referendo a constituição espanhola, entrando em vigor no dia 29 de dezembro.

No início de 1981, Adolfo Suárez renuncia devido ao distanciamento com o rei e às pressões internas do seu partido. Durante a celebração da votação no Congresso dos Deputados para escolher como sucessor a Leopoldo Calvo Sotelo produziu-se a tentativa de golpe de Estado dirigido por Antonio Tejero, Alfonso Armada e Jaime Milans del Bosch, entre outros. O golpe, conhecido como "23-F", fracassaria.

As tensões internas da UCD provocariam a sua desintegração ao longo de 1981 e 1982. O segmento democrata-cristão terminaria integrando-se com a Aliança Popular, passando assim a ocupar a faixa de centro-direita. Por outro lado, os membros mais próximos à social-democracia se uniriam às filas do Partido Social Operário Espanhol  (PSOE).

O PSOE sucedeu a UCD após obter maioria absoluta nas eleições gerais de 1982, ocupando 202 das 350 cadeiras, e começando assim a II Legislatura. Pela primeira vez desde as eleições gerais de 1936, um partido considerado de esquerda ou progressista ia formar governo.

 Mas para entendermos como a estrutura do Estado Burocrático expressa pelo modelo franquista realmente se imiscui no corpo social e é reproduzida qual um câncer no seio da família, devemos ler a obra de Miguel Delibes, El Príncipe Destronado[[21]](#footnote-21). Em ensaio sobre a obra, diz-nos Isabela Maria de Abreu:

Assim como Franco se ergueu e tomou o poder em meio ao clima de instabilidade que reinava no país, Pablo (o pai), ao sentir-se afrontado na discussão familiar, lança mão da repressão, tentando impedir que os demais se expressem. No entanto, isso só serve para demonstrar a fragilidade do seu poder e o medo de ter questionada a sua visão de mundo. O exercício de sua autoridade se sustenta, neste caso, pela violência explícita – os pratos que voam e os palavrões com os quais defende suas idéias – e, principalmente, através do seu discurso tido como único e absoluto, impondo constantemente o silêncio aos demais.

Consideramos, no entanto, que a atitude de Merche (a mãe), talvez um pouco conformista, visa fundamentalmente à paz familiar e corresponde às circunstâncias sócio-culturais em que está inserida. Por mais que discorde do marido, há um muro social que os separa e que não lhe permite a contestação. Se, de certa forma, ela se comporta com alguma apatia, isso se deve à ordem estabelecida e à consciência de sua impotência para solucionar a crise que provém da ditadura da palavra de Pablo. Essa instabilidade abrange o aspecto político, mas domina sobretudo a relação matrimonial. A opção por evitar o confronto definitivo com o marido se deve também à pressão social que a mulher sofria no plano pessoal. Consta em documentos da época que a censura oficial não permitia reclamações conjugais e cabia à mulher “guardar las apariencias”. Em outras palavras:

“Si el marido engañaba a la mujer, con tal de que lo hiciera sin demasiado escándalo y de tapadillo, lo mejor era hacer como si nada, que no se enterara nadie, para que los hijos pudieran seguir viendo a sus padres aliados a lo esencial, en la tarea de sacarlos adelante a ellos, de enseñarles a amar la España nueva, de prohibirles cosas. El padre junto a la madre como un bloque indestructible ante el cual se estrellaba cualquier actitud que no fuera la del respeto” (MARTÍN GAITE, Carmen. *Usos amorosos de la postguerra española*. 3.ed. Barcelona:Anagrama, 1996, p. 21).

 Assim, a guerra civil espanhola não foi, como afirmam os historiadores, um balão de ensaio para a Alemanha. Foi um balão de ensaio para a Inglaterra, a França, a Rússia e os demais países que entraram na Segunda Guerra, pois todos impetraram guerras civis em seus próprios territórios.

 A eugenia seria a vertente capaz de legitimar os genocídios. A ideologia, contudo, reafirmava a incompletude da primeira guerra e a expansão nazista como as motivações convincentes para a guerra.

 O cinema vem resgatando essa história lentamente. Em 2010 um filme liga pontos importantes:

PA NEGRE (PÃO NEGRO) fala do lodo moral do povo catalão depois da Guerra Civil, dos tenebrosos ajustes de conta, das tentativas de sobrevivência dos vencidos, dos segredos sórdidos, do avesso de gente profundamente ferida, do terror diário de perder o pouco que lhe resta, da influencia da miséria dos adultos no mundo das crianças. Narra, enfim, a regra da violência física e emocional de um ambiente podre, onde só existem relações de poder, de mentiras disfarçadas, ideais adormecidos, de pássaros fantasmas, de dor, de vulcões perto da erupção. E exibe os anéis mais fundos do inferno, captados com grande poder visual e expressividade pelo cineasta Agustí Villaronga.

E o que se vê na tela é esse pão encruado, essa brutalidade ambiental, os mistérios do bosque, o erotismo bronco, a corrupção da inocência, a humilhação para com os fracos: Os pobres, os tuberculosos, os homossexuais, os perdedores. O mesmo universo decrépito visto – lido – na novela de Emili Teixidor.

O filme – o livro – retrata uma vida áspera e pouco saudável, em oposição a uma beleza poética e ingênua. O “pão preto” do título é, apenas, a migalha de verdade que explode em um final estrondoso. A visão do protagonista posto em um recipiente de barro, onde ferve o veneno da ação e reação dos demais. Uma visão que encarquilha, resseca, apodrece, lentamente – e muito lentamente – no cadinho dos tempos. O final é desolador. Não existem vencedores…

E assim Villaronga repete o discurso da monstruosidade e suas ambigüidades, visto em toda a sua filmografia. Em PA NEGRE, o monstro é múltiplo, cresce dentro de cada personagem, engole quaisquer fantasias dentro de um contorno realista. É tesouro e maldição, seja na monumental cena de abertura, seja nas emoções contidas no rosto da atriz Nora Navas. E de cena em cena, no garimpo do medo e da ternura, descobre-se uma peça dura e complexa e, sobretudo, perturbadora.

 Mas os britânicos, os cidadãos, foram os primeiros, embora não os únicos, a identificar a segunda guerra como uma “falsa guerra”, até que os alemães começaram a bombardear Londres.

 Operação minimamente necessária para a eliminação de um ser humano é sua reificação. Eis o princípio elementar da desigualdade.

 A pergunta que nos assalta, então, é essa: será possível mudar o mundo sem tomar o poder[[22]](#footnote-22)?

 A resposta parece vir de uma obra paradigmática. Guernica, de Pablo Picasso.

 Observemos o quadro por um instante:



**Guernica** é um painel pintado por [Pablo Picasso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pablo_Picasso) em [1937](http://pt.wikipedia.org/wiki/1937) por ocasião da [Exposição Internacional de Paris](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Exposi%C3%A7%C3%A3o_Internacional_de_Paris&action=edit&redlink=1). Foi exposto no pavilhão da [República Espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Rep%C3%BAblica_Espanhola). Medindo 350 por 782 cm, esta tela pintada a óleo é normalmente tratada como representativa do[bombardeio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bombardeio_de_Guernica) sofrido pela cidade [espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha) de [Guernica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guernica%22%20%5Co%20%22Guernica) em [26 de abril](http://pt.wikipedia.org/wiki/26_de_abril) de 1937 por aviões[alemães](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha), apoiando o ditador [Francisco Franco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Franco). Atualmente está no [Centro Nacional de Arte Rainha Sofia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Nacional_de_Arte_Rainha_Sofia), em [Madrid](http://pt.wikipedia.org/wiki/Madrid).

Muito já se falou sobre a obra, mas gostaria de chamar a atenção para dois detalhes: o OLHO na parte superior do quadro e, dentro dele, uma LÂMPADA ELÉTRICA; e logo ao lado, um candelabro. Esse OLHO, gostaria de sugerir, é o desenvolvimento, é o OLHO que ilumina a chacina, que aponta o lugar das vítimas, que denuncia e impede qualquer possibilidade de fuga. É o PROGRESSO, e o caráter industrial da guerra e da morte. É o OLHO que ILUMINA, o OLHO ILUMINISTA clareando a população para a mira dos bombardeios. O candelabro é seu oposto, é o espanto com que as vítimas procuram-se na tragédia, é a noite longínqua que acompanha os vivos de Guernica, seu fazer cotidiano, as laboriosas vigílias de cuidados que agora parece ainda resistir diante do terror.

 As guerras do século XX foram guerras para erradicar a tradição das vilas e aldeias. Suas características industriais trouxeram consigo a bandeira flamejante do progresso e o desenvolvimento, não somente como um estímulo incalculável para o capitalismo e para a definição de grandes blocos de poder, mas principalmente para exterminar do coração da Europa um modo de vida incompatível com o sistema que se hegemonizava rapidamente.

1. Esse texto foi produzido para um seminário comemorativo, feito por mim e pelo Daniel, grande amigo, na Puc/SP no segundo semestre de 2007, sob as árvores do pátio da cruz. [↑](#footnote-ref-1)
2. Matadores, aqui, serão todos que se utilizam do poder (ou seja, da hierarquia) para gerir a vida: daqueles que literalmente acionam as armas, àqueles que com uma caneta assinam a sentença de morte de milhares, de milhões e, entre esses dois tipos, toda a vasta hierarquia de especialistas, de técnicos, de homens de família que viabilizam a ruína e o infortúnio da maioria da humanidade. [↑](#footnote-ref-2)
3. O perfil das corporações é um exemplo assustadoramente claro desse ocultamento. [↑](#footnote-ref-3)
4. http://www.permanencia.org.br/gustavocorcao/Artigos/espanha.htm [↑](#footnote-ref-4)
5. Como lembra Hugh Thomas, a origem desses anarquistas datava de um grupo de emissários de Bakunin chegados à Espanha em 1868, com uma forte influência do progressismo típico das *sociétés de pensée* do Iluminismo. Hugh Thomas, *The Spanish Civil War*, Eyre & Spottiswoode, Londres, 1964. [↑](#footnote-ref-5)
6. Robert Brasillach y M. Bardêche, *Historia de la Guerra Civil de España*. [↑](#footnote-ref-6)
7. Daniel-Rops, Un Combat pour Dieu, Fayard, 1963, pág.42. [↑](#footnote-ref-7)
8. Hermet, 1989, p.241. HERMET, Guy. La guerre d’Espagne*.* Paris, Seuil, 1989, p.241. [↑](#footnote-ref-8)
9. Nóvoa, Jorge. *A Espanha incandescida*. In: O Olho da História, V.2, n. 2, Salvador, 1996. [↑](#footnote-ref-9)
10. Gil, Louis. George Orwell, da guerra civil espanhola à 1984, p.91. [↑](#footnote-ref-10)
11. Idem, p.101-2. [↑](#footnote-ref-11)
12. O filme *Arquitetura da destruição* resgata essa prática, assim como o filme *Homo Sapiens 1900*. [↑](#footnote-ref-12)
13. Safón, Ramon. O racionalismo combatente. Francisco Ferrer y Guardiã. São Paulo, Ed. Imaginário, 2003, p.47. [↑](#footnote-ref-13)
14. Idem, p.38. [↑](#footnote-ref-14)
15. Idem, p.29. [↑](#footnote-ref-15)
16. Idem, p.37. [↑](#footnote-ref-16)
17. Idem, p.30. [↑](#footnote-ref-17)
18. Lembremos do caso Tesla versus Thomas Edson, dentre tantos outros. [↑](#footnote-ref-18)
19. CNT. A guerra civil espanhola nos documentos libertários. São Paulo, Imaginário, 1999, p.63. [↑](#footnote-ref-19)
20. Safón, op.cit. p.26. [↑](#footnote-ref-20)
21. DELIBES, Miguel. *El príncipe destronado*. 25.ed. Barcelona: Destino, 1999. [↑](#footnote-ref-21)
22. Referência ao livro de John Holloway, *Mudar o mundo sem tomar o poder*. Ed. Viramundo , São Paulo, 2003. [↑](#footnote-ref-22)